



A Verdade

ANO LXIX - Nº 553 - Novembro/Dezembro de 2022 **Revista Maçônica**



FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE





Para profanos e candidatos,

Meus irmãos, precisamos ter uma voz comum a respeito da nossa instituição, explicando à sociedade nossos ditames, metas sociais, a não existência de inscrições e Iniciações virtuais pela Internet. Explicar aos indivíduos sobre a realidade física da Ordem e mostrar o local de nossos templos.



É preciso divulgar a eles a atuação da Maçonaria em sua cidade e na sociedade e convidá-los a participar de Sessões Brancas e ágapes, antes da Iniciação. Todos precisam saber, também, que não existe a cobrança antecipada de vultosas quantias, mas, sim, apenas simples mensalidades para a manutenção dos templos.

Temos de esclarecer que a Maçonaria jamais gera ou promete lucros pessoais. O lucro para a Ordem é somente a evolução do ser humano e o aperfeiçoamento da sociedade. Portanto, não prometemos ascensão pessoal ou financeira, mas o crescimento moral e da ética do ser humano.

Divulgar que não existe Maçonaria com Iniciação virtual, sem reuniões presenciais, pois o contato dos irmãos e o relacionamento interpessoal, inclusive para efeitos sociais e energias positivas, são primordiais.

Repito: em nossa Ordem, nossas Iniciações ocorrem em templos, nossas famílias, esposas e filhos se conhecem e convivem prazerosamente e em sociedade, podendo participar da Maçonaria através das diferentes Ordens Paramaçônicas disponíveis para as mulheres, crianças e adolescentes.

Devemos reforçar junto à sociedade que nós, maçons, somos ligados à caridade e administramos milhares de instituições nas cidades de todo o Estado. Portanto, antes de participar de qualquer Maçonaria, os interessados precisam procurar se inteirar das ações dela na sociedade onde vivem.

Reiteremos que, na Maçonaria real, o indivíduo somente entra com a indicação de um padrinho, o qual deverá conhecê-lo antecipadamente, e é imprescindível esse conhecimento mútuo e interpessoal.

Participe, seja indicado, procure um irmão em um templo na sua cidade ou bairro, e, caso seja simplesmente um bom cidadão, de boa índole, independentemente de suas posses ou posição social, seja bem-vindo.

Somos, simplesmente, construtores sociais e visamos à felicidade da humanidade pelo aperfeiçoamento do ser HUMANO.

Um fraternal abraço,

Grão-Mestre Jorge Haddad

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre Jorge Haddad
Loja Justiça e Tolerância, 689
Oriente de Araraquara

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





Fé, Esperança e Caridade

Os caminhos para o aperfeiçoamento são diversos, constituídos por vários acessos: instituições filosóficas, instituições filantrópicas, religiões, escolas etc. Precisamos ter consciência que não existem o certo e o errado, mas sim caminhos mais curtos e mais longos.



4
Capa

Sete degraus da subida

Não importa em que degrau você está. Lembre-se que, algumas vezes, será necessário retornar, seja para ganhar forças para continuar ou para a um amigo auxiliar.



14

Inconfidência Mineira e Maçonaria

Nas Minas Gerais do século 18, houve, portanto, “Uns querendo ouro e diamantes, outros, liberdade, apenas...” (Cecília Meireles). Estranha, afinal, é essa palavra nos dizeres novamente de Cecília Meireles: “Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!”



16

A lei de ouro do Mestre Confúcio e seus ensinamentos

Nossa tolerância é uma forma de bondade ao próximo. Confúcio foi um dos primeiros pensadores a trabalhar os conceitos da bondade, aplicando-os a partir da família, passando pela comunidade e interagindo na sociedade como um todo.



22

A escada em caracol

O estudo do simbolismo da Escada em Caracol é muito amplo, transcendente e contempla múltiplas maravilhas, entretanto, merece reflexões à medida que se elevam os degraus da escada.



24



28

A Ética Kantiana e sua aplicabilidade na Maçonaria

A máxima moral de tratar o outro como fim e não como meio foi o grande legado que Kant deixou para o mundo contemporâneo. Se todos nós, maçons, aplicássemos os princípios da Ética em Kant, certamente teríamos um mundo melhor.



36

A Marcha do Aprendiz

A Marcha do Aprendiz está associada intrinsecamente com os três primeiros signos do Zodíaco (Áries, Touro e Gêmeos), sendo que cada um representa os três passos que compõem esse ritual.

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE



Irmão José Pascoal Simonetti Scolastici
Loja Anúbis, 783 - Oriente de São Paulo

A visão de Jacó em Betel, ou Escada de Jacó (Genesis 28:10-22), existente nos templos maçônicos e no Pannel da Loja de Aprendiz, é uma importante alegoria que a Maçonaria, como fiel guardião de antigas tradições, adotou como ligação do plano material em que vivemos com o plano superior que aspiramos. Vejamos o trecho do Livro da Lei acima citado:

“¹⁰ Jacó pois tendo partido de Bersabé, ia para Haran. ¹¹ E como chegasse depois do sol posto a um certo lugar, onde ele queria passar a noite, pegou numa das pedras, que ali havia; e tendo-a posto por baixo da sua cabeça, dormiu ali mesmo. ¹² Então viu ele em sonhos uma escada, cujos pés estavam fincados sobre a terra, e o cimo tocava no céu; e os anjos de Deus subindo e descendo por esta escada. ¹³ Viu também ao Senhor firmado no cimo da escada, que lhe dizia: Eu sou o Senhor Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaac. Eu te darei a ti, e a teus descendentes, a terra, em que tu dormes. ¹⁴ A tua posteridade será numerosa, como o pó da terra; e tu te estenderás ao Ocidente, e ao Oriente, e ao Setentrião, e ao Meio-Dia; e todas as tribos da terra serão benditas em ti, e naquele que sairá de ti. ¹⁵ Eu serei o teu condutor por toda a parte, por onde fores; eu te tornarei a trazer a este país; e não te deixarei, menos que não tenha executado tudo o que te prometi.

¹⁶ Jacó tendo despertado depois do sono, disse: Em verdade que o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. ¹⁷ E cheio de medo prosseguiu: Que terrível é este lugar! Verdadeiramente não é isto outra coisa, que a casa de Deus, e a porta do céu. ¹⁸ Tendo pois levantado logo ao amanhecer, tomou a pedra, que tinha posto por baixo da sua cabeça, e a erigiu em padrão, lançando-lhe azeite por cima. ¹⁹ E pôs o nome de Betel à cidade, que antes se chamava Luza. ²⁰ Ao mesmo tempo fez ele, Jacó, este voto a Deus, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar no caminho, por que eu ando, e me der pão para comer e pano para me cobrir, ²¹ e eu voltar felizmente para a casa de meu pai: o Senhor será o meu Deus. ²² E esta pedra, que erigi em título, será chamada Casa de Deus: e de todas as coisas que vós me derdes, oferecer-vos-ei o dízimo.”



A escada representa a involução e evolução

A Involução significa a descida do espírito cósmico e divino por sucessivas etapas, até tornar-se parte do corpo físico, a matéria propriamente dita, com as suas imperfeições, impurezas, com seus defeitos, sua ausência de luz, em estado imperfeito que deverá buscar o aperfeiçoamento pelo seu próprio suor.

A Evolução significa a subida do espírito, após passar pelo aperfeiçoamento em todo momento de sua vida, procurando extinguir os seus defeitos, adquirir mais luz e buscando atingir novamente as regiões paradisíacas.

Esse é o simbolismo da descida e subida de anjos que Jacó sonhou. São várias outras passagens em que na Bíblia há referência da Escada de Jacó, que seria o elo físico entre o nosso reino e o Reino dos Céus, por onde os anjos e enviados de Deus transitam para dar luz à humanidade.

Noutra passagem Bíblica (João 1:51), Jesus disse a Natanael: *“Na verdade, na verdade vos digo, que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”*.

Por que a Maçonaria, não sendo religiosa, adota alguns símbolos, principalmente do Cristianismo, em seu templo e lhes dá tamanha relevância em sua ritualística, como é o caso do Livro da Lei (representado pela Bíblia Cristã), a Escada de Jacó, os padroeiros São João Batista e São João Evangelista, o próprio Templo de Jerusalém, que é ícone do judaísmo, etc.?

Obviamente que, voltando no tempo, se encontra a Maçonaria Operativa adotando simbologias cristãs que era a religião preponderante, dominante e representativa do Estado. Seria lógico que essas corporações utilizassem o cerimonial, os símbolos, as alegorias e a pró-

pria Bíblia como instrumentos de trabalho, pois, dogmaticamente, acreditavam no Deus do cristianismo.

Posteriormente, na fase Especulativa, a Maçonaria não abandonou esses símbolos já que incorporados à tradição da Ordem, em que pese houve um movimento no final do século 17 e início do século 19 para que fossem abolidas todas as referências ao cristianismo, inclusive essa da Escada de Jacó. Mais tarde, as antigas tradições foram retomadas e mesmo um símbolo cristão foi adotado dentro de outra simbologia. Não é mais através da oração e da prece católica que o indivíduo sobe a Escada de Jacó, mas sim, simbolicamente, pela prática da virtude e da elevação moral.

Inicialmente, a Escada de Jacó era representada por três degraus, correspondente aos três graus da Maçonaria Simbólica. Posteriormente, por sete degraus, representando as sete virtudes necessárias para atingir o grau de perfeição moral. Atualmente, é representada por um número não especificado de degraus, demonstrando que o caminho é longo, pesado e infinito.

Simbolismo da Escada de Jacó

Erguendo-se a partir do Altar dos Juramentos, sustentada pelo Livro da Lei, significando que não há como iniciar a sua ascensão sem passar por ele, pelos seus ensinamentos e normas, vai em direção à abóbada celeste representada no teto da loja. A Escada de Jacó apresenta em sua estrutura três símbolos: a cruz, a âncora e a taça.

A cruz é um dos símbolos humanos mais antigos e é usada por diversas religiões, principalmente a cristã, embora nem todos os cristãos a

usem como símbolo. Ela, normalmente, representa uma divisão do mundo em quatro elementos (ou pontos cardeais), ou, então, a união dos conceitos de divino (na linha vertical) e mundano (na linha horizontal); ou ainda a união de quatro esquadros com seus ângulos retos.

Na Maçonaria e no Painel, representa o símbolo da fé. A fé renovadora que é a sabedoria do espírito, sem a qual o homem não levará nada a termo. Também simboliza a morte. A morte para o mundo profano, sem a qual não poderá almejar ascender ao mundo espiritual que a Maçonaria propicia a seus iniciados. A parte vertical da cruz simboliza a ascensão espiritual que devemos sempre almejar, a parte horizontal é o símbolo dos obstáculos que todos enfrentamos em nossa jornada, eles são difíceis de superar, parecem intransponíveis em algumas ocasiões, causam muitas vezes desânimo, e muitos desistem no meio do caminho. O nível é simbolizado por sua barra transversal, e o prumo por sua barra vertical.

A âncora aqui não representa tão somente a esperança. Todavia, sua colocação nos degraus da Escada de Jacó significa o elemento que deve ser ultrapassado, pois a âncora tem a finalidade precípua de nos fixar à matéria. Também representa a esperança no aperfeiçoamento moral e a força da gravidade que nos impulsiona para baixo (nossos vícios e erros), que devemos carregar e livrar-nos para poder ascender na Escada da Virtude. Quando passamos por momentos difíceis e aflitivos, quando nada parece dar certo, quando enfrentamos mares turbulentos em nossa vida, devemos lançar a âncora para ficarmos fixos e não sermos arrastados pelas más correntes. Possuindo fé, teremos esperança de dias melhores.

A taça representa a provação, o juízo final. Transposto esse obstáculo, atingimos a luz

maior, a estrela de sete pontas. Mas não chegaremos a esse estágio sem a caridade, que é a beleza que adorna o espírito e os corações bem formados, fazendo com que neles se abriguem os mais puros sentimentos humanos.

A escada como símbolo da moral, representando o crescimento espiritual do homem na busca da sua perfeição e do elo entre o céu e a terra, é muito antiga.

A taça também representa a caridade. Em nossa busca de aperfeiçoamento, temos o dever de praticar a caridade no auxílio daqueles que tropeçam e caem pelo caminho, dando-lhes a mão que servirá de apoio para que se levantem, assim como certamente muitos já o fizeram conosco. A caridade consiste em socorrer os débeis, os desvalidos, aqueles que não estão conseguindo carregar a sua cruz. Até Cristo não suportou o peso de sua cruz, caiu na sua caminhada e necessitou de ajuda para carregá-la; aquele foi o momento em que alguém praticou a caridade.

Em nosso dia a dia, nos tormentos das paixões, as ocasiões se apresentam para a prática da caridade a todo o momento. Muitos fecham os olhos para não verem a quem devem ajudar, esquecem que mais para frente poderão precisar de auxílio. Poucos sabem o que significa a mensagem contida no Livro da Lei: que uma mão não saiba o que a outra faz.

Os imprescindíveis para a humanidade são aqueles que praticam a verdadeira caridade, não precisam divulgar o bem que fazem, estes sabem vencer suas paixões, submetem suas vontades e fazem novos progressos, estreitando os laços de fraternidade que a todos devem unir como verdadeiros irmãos.

No alto da escada, encontramos a Estrela Flamígera irradiando sua energia na forma dos raios da luz e calor.

A citação bíblica “*a casa de meu pai tem muitas moradas*” também nos reporta ao seu sentido esotérico, dizendo-nos que há muitos níveis para as criaturas dentro do seu grau de evolução e progresso. Que possamos, na nossa ignorância, atinar para a grande inteligência do Plano de Evolução da Vida, que nos é sugerido no Painel da Loja de Aprendiz, pois após a estrela de sete pontas, que simboliza a verdadeira sabedoria e a perfeição moral, ainda poderemos transcender rumo às nuvens, Lua, Sol e demais estrelas do firmamento, incorporando-nos ao grande e glorioso céu contido na Abóbada Celeste para verdadeiramente nos reencontramos com o Grande Arquiteto do Universo.

As Virtudes

A virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem. Permite não só praticar bons atos, mas dar o melhor de si. Com todas as suas forças físicas e espirituais, a pessoa virtuosa tende ao bem, persegue-o e escolhe-o na prática. Se alguém busca sempre dizer a verdade, possui a virtude da veracidade ou sinceridade, se é rigorosamente honesto com o direito dos outros, tem a virtude da justiça.

As Virtudes Teológicas são aquelas virtudes que nos levam a conhecer e a amar a Deus. Existem outras virtudes que nos levam a agir corretamente em tudo o que fazemos: são as Virtudes Cardeais, assim chamadas porque nos orientam como os pontos cardeais o fazem na superfície da Terra.

Para os teólogos do cristianismo, se adquirimos uma virtude por esforço próprio, ela é uma virtude natural. Mas, há virtudes que exigem muito mais para se consolidarem, dependem de um “dom divino” para serem adquiridas, e

a elas o homem não pode chegar só com seus dotes naturais. São as virtudes sobrenaturais ou teológicas, assim chamadas porque dizem diretamente à intervenção divina. Na verdade, nada ocorre sem a presença de Deus: “*Invocado ou não, Deus está sempre presente*”.

As virtudes morais são potências racionais que inclinam o homem para o bem, quer como indivíduo, quer como espécie, quer individualmente, quer coletivamente. Há duas ordens de moralidade, a natural e a infusa, e, em consequência, duas espécies de virtudes: adquiridas e infusas. Entre as virtudes adquiridas, distinguem-se principalmente quatro: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança, chamadas virtudes cardeais.

Entre as virtudes infusas estão a Fé, a Esperança e a Caridade, cognominadas de teológicas porque não são o produto de uma prática, mas um dom infuso de Deus nos Seus filhos.

A fé, mãe da esperança e da caridade, é filha do sentimento e da razão. Quer dizer, a fé, ao ser movida pelo livre-arbítrio, tem o suporte do sentimento e da razão, que lhe dão garantia de obter o esperado, desde que aja caritativamente. Nesse sentido, o espírito Emmanuel, pelas mãos de Chico Xavier, diz-nos: “A fé é guardar no coração a certeza iluminada de Deus, com todos os valores da razão tocados pelo perfume do sentimento”.

A esperança e a caridade, como vimos, são filhas da fé. Esta deve velar pelas filhas que tem. Para isso, convém construir a base do edifício em fundações sólidas. A nossa fé tem de ser mais forte do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, porque a fé que não afronta o ridículo dos homens não é a verdadeira fé. Além disso, para que a fé seja proveitosa, deve ser ativa, ou seja, não se deve entorpecer.

A Fé

Das três virtudes teológicas, a fé é fundamental. É atitude própria, convicção ou crença que relaciona o homem ao Deus Supremo na expectativa da salvação da alma. É o assentimento do intelecto que crê, com constância e certeza, em alguma coisa. Isso nos dá a confiança de que seremos capazes de realizar alguma ação, seja ela qual for. É o tipo de confiança que tem o médico de que irá terminar a sua operação.

Não se deve confundir a fé com a simples crença. Tal confusão surgiu nos primeiros anos do cristianismo, quando o texto grego do Evangelho foi traduzido para o latim. Fé (*fides*) quer dizer “fidelidade”, harmonia entre a alma humana e o espírito de Deus. É, basicamente, uma adesão pessoal do homem a esse Todo Maior, uma atitude de alta fidelidade, de sintonia do receptor (homem) com o emissor (Deus).

Como esse substantivo latino não tem verbo derivado do mesmo radical, como no grego, os tradutores viram-se obrigados a recorrer a um verbo de outro radical, valendo-se de *credere*, que em português é “crer”.

Crença, ou crer, têm conotação diferente de fé, de ter fé. Refere-se a algo incerto, vago, como quando dizemos: “creio que vai chover”, “creio que fulano mudou-se de casa”.

Crer em Deus não é o mesmo que ter fé ou fidelidade a Deus. Quem tem fé estabelece com Deus perfeita sintonia ou sinfonia de pensamentos, palavras e obras.

Se o espírito humano não está sintonizado com o espírito de Deus, ele não tem fé, embora, talvez, creia. Tal pessoa pode, em tese, aceitar que Deus existe e, apesar disso, não ter fé.

Crer é um ato apenas intelectual, de quem se persuadiu de algo que lhe parece verdadeiro. Ter fé vai mais longe. É uma atitude de consciência e

de vivência, que brota da experiência íntima. É o resultado de uma intuição espiritual, que transcende a mera intelectualização.

A fé implica certeza, é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que vai muito além do âmbito da crença. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer “eu creio”, mas afirmar “eu sei”, ou seja, “eu saboreio”, que é o significado etimológico de “saber”, com todas as dimensões da razão iluminadas pela luz do sentimento.

Essa fé é profunda, inabalável, não se estagnando em nenhuma circunstância da vida, habilitando-nos a superar os maiores obstáculos. É nesse sentido que “a fé remove montanhas”, que são os entraves encontrados em nosso caminho evolutivo, ou seja, os vícios, as paixões, os preconceitos, a ignorância, os interesses materiais, as dores, os reveses, o infortúnio etc.

Em outras palavras, com a certeza na assistência de Deus, a fé exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração. Como maçons, somos homens de fé, pois acreditamos no Grande Arquiteto do Universo, criador dos mundos, e também acreditamos em nós mesmos e em nossos irmãos. Por isso, a fé é representada no simbolismo pela cruz, na parte inferior da escada, porque a fé é a base.

A Fé Inteligente

A fé não pode ser reduzida à simples crença em certos dogmas religiosos, aceitos sem exame, anulando-se a razão. Essa seria uma “fé cega”, comparável a um farol cuja luminosidade não atravessa o nevoeiro, deixando o navegante sem saber seu rumo nos momentos de tormenta.

A fé é um sentimento inato no indivíduo. Esse sentimento pode ser cego ou raciocinado. A fé



cega aceita sem controle o falso como o verdadeiro e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. A fé raciocinada, a que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade. Crê-se porque está certo. *“Eis porque ela não se dobra, porque não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade”* (Kardec, 1984, cap. XIX, item 6).

A fé é humana e divina. Ainda segundo Kardec, é o sentimento inato, no homem, de sua destinação futura, cujo germe foi depositado nele, primeiro em estado latente, o qual deve crescer por sua vontade ativa. Assim, unindo sua força humana à vontade divina, poderá realizar os prodígios, que não são senão o desenvolvimento das faculdades humanas.

A verdadeira fé é esclarecida, como um foco elétrico, que ilumina com brilhante luz o caminho da evolução e ser percorrido. Chamamo-la de “Fé Racional” e, por isso mesmo, robusta. Necessita ser conquistada, porquanto passa pelas tribulações da dúvida, pelas aflições que embaraçam o caminho dos que buscam o livre exame e a liberdade de pensamento.

Em vez de dogmas e mistérios, cumpre-nos reconhecer os princípios que regem o mundo e o homem.

A verdadeira fé é inteligente, porque se apoia na lógica. Não basta somente dizer “tenho fé”. É indispensável conhecer, compreender, saber a dinâmica dessa certeza.

A fé não dispensa o suporte da razão. “Quem tem olhos de ver, que veja”. Basta lançarmos nossos olhos sobre as obras da criação para se ter certeza da existência de Deus. Não há efeito sem causa. O Universo existe, ele tem, pois, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar esse axioma

das ciências e admitir que o nada pode fazer tudo. Deus é a Grande Lei que estabeleceu e mantém a Harmonia Universal. É o Grande Arquiteto do Universo. Duvidar da existência de Deus é duvidar de si mesmo.

A dificuldade maior na questão da fé é esperar algo que é incerto. Temos a intuição de que esse é o caminho, mas a demora na obtenção do necessário incrusta-nos o desespero. A intuição afirma que devemos perseverar, contudo, a espera é difícil. De qualquer forma, temos de continuar, pois desistir no meio do combate é ficar sem ponto de apoio e sem perspectiva de um futuro mais promissor.

A fé é o nosso grande sustentáculo. Que seria de nossa incerteza, de nossas tribulações sem esse ponto de apoio para sermos reconfortados? Aquele que tem fé vigorosa aceita de bom grado qualquer extremo, embora no meio da incerteza momentânea, espera que o tempo, o Grande Arquiteto do Universo, possa oferecer as oportunidades para que os seus ideais sejam concretizados.

A Esperança

É, genericamente falando, toda a tendência para com o bem futuro e possível, mas incerto, é a expectativa de algo superior e perfeito. A esperança diz respeito à nossa transcendência, à nossa comunhão com o Ser Supremo. Porque, mesmo nas situações mais difíceis, há sempre a expectativa de possuir o bem desejado. Alguns chegam a dizer que *“a esperança é a última que morre”*.

A esperança é a filha diletta da fé. A fé vivida em plenitude já contém a esperança, virtude teologal pela qual se confia na promessa da vida eterna.

Na Maçonaria, se usa a expressão “Oriente Eterno”, no sentido de que a alma é imortal e o

fenômeno a que se chama morte não é, senão, a transição de uma etapa de nossa evolução infinita. Por isso, a pessoa consciente, que possui a virtude da esperança, é capaz de vencer o medo, as tribulações, as intempéries da vida diária, com compreensão e resignação, agradecendo a dádiva das provas e provações que Deus oferece para que se aperfeiçoe sua caminhada espiritual, na busca da Luz que vem do Oriente.

A esperança ensina a perseverar perante as adversidades e a se manter firmes nos ideais, como a âncora que a simboliza e que está no meio da escada. Assim, todo aquele que for constante nas causas justas superará todas as dificuldades, alcançando êxito completo.

Nas Epístolas de Paulo, encontram-se diversas frases sobre a esperança:

“Porque tudo quanto está escrito, para nosso ensino está escrito, a fim de que pela paciência, e consolação das escrituras tenhamos esperança” (Romanos 15:4);

“O Deus pois de esperança vos encha de todo o gozo e de paz na vossa crença: para que abundeis em esperança, e na virtude do Espírito Santo” (Romanos 15:13);

“Mas nós, que somos filhos do dia, sejamos sóbrios, estando vestidos da couraça da fé e da caridade, e tendo por elmo a esperança da salvação” (I Tessalonicenses, 5, 8);

“E assim, esperando com larga paciência, alcançou a promessa” (Hebreus, 6, 15).

A Caridade

É a virtude que, com a justiça, regula o procedimento moral dos homens para com os outros seres e, especialmente, para com os outros homens. Baseia-se na frase: *“Fazermos aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito”*.

Caridade está mais ligada a uma ação concreta. Ela é presente, é uma prática. Enquanto as duas primeiras dizem respeito ao futuro, a caridade diz respeito ao presente, à ação. Nesse sentido, é possível diferenciar os atos de caridade da caridade propriamente dita, ou seja, pode-se perfeitamente auxiliar o próximo, sem que esse sentimento faça parte do passivo espiritual.

Enquanto a fé e a esperança são virtudes que se vivencia em um plano subjetivo, a caridade é uma ação explícita, em nível objetivo. É uma atuação, embora deva ser silenciosa. Sua prática desenvolve a fé e a esperança.

Um dos fundamentos da Ordem Maçônica é a prática da caridade, sob a forma de filantropia, visando ao bem estar do gênero humano. De fato, a instituição não está constituída para se obter lucro pessoal de nenhuma espécie, mas sim, o contrário disso, suas arrecadações e seus recursos destinam-se a contribuir materialmente com aqueles que estão privados dos meios de prover uma digna subsistência. E *“que nossa mão esquerda não saiba o que dá nossa mão direita”*.

No entanto, independentemente de qualquer aspecto pecuniário, o Grande Arquiteto do Universo nos dá a oportunidade de, em qualquer parte, praticar a caridade maior, que é a caridade moral, pois *“nem só de pão vive o homem”*.

Ninguém precisa dispor de recursos materiais para praticar essa caridade. Entretanto, ela é a mais difícil e, por isso, a mais valiosa. O que importa é saber que essa caridade moral não implica em subserviência. Pelo contrário, quanto mais nos respeitamos e qualificamos, mais capacidade teremos de nos dar, de amar, de sermos caridosos.

A caridade tem aí um significado especial. Só atingimos a plenitude maçônica quando pautamos nossas ações na caridade, que também significa “amor”, pois a caridade nada mais é do que



o amor ao nosso próximo, que auxiliamos anonimamente através do Tronco de Beneficência, em todas as Sessões Maçônicas na face da Terra.

A caridade é uma das mais brilhantes joias com que, mui justamente, se adorna a Sublime Ordem Maçônica. A Maçonaria ensina que é verdadeiramente feliz o homem que sente brotar no coração a semente da benevolência. Não inveja o próximo, não dá conta das palavras vis e caluniadoras, porque a malícia e a vingança não acham abrigo em seu peito. Esquece as injúrias e procura apagá-las do pensamento. Assim, pois, tem sempre presente em sua imaginação que somos todos irmãos, que devemos estar sempre prontos a acudir àqueles que reclamam nossa assistência, jamais recusando estender nossa mão amiga, generosa e leal ao necessitado que implore socorro. Desse modo, os maçons agem dentro das linhas da misteriosa esquadria, recebendo um dia a recompensa a que tiver direito pelo amor e caridade.

Por isso, a caridade é representada pela mão da generosidade dirigindo-se para o cálice, que forma o Graal, um dos símbolos presentes no Painel do Aprendiz, no topo da Escada.

Na parábola do bom samaritano (Lucas 10:30-37):
“³⁰ Um homem baixava de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava: e depois de o terem maltratado com muitas feridas, se retiraram deixando-o meio morto. ³¹ Aconteceu pois que passava pelo mesmo caminho um sacerdote: e quando o viu passou de largo. ³² E assim mesmo um levita, chegando perto daquele lugar e vendo-o, passou também de largo. ³³ Mas um samaritano, que ia a seu caminho, chegou perto dele: e quando o viu, se moveu à compaixão. ³⁴ E chegando-se lhe atou as feridas, lançando nelas azeite e vinho, e, pondo-o sobre sua cavalgadura, o levou a uma esta-

lagem, e teve cuidado dele. ³⁵ E ao outro dia, tirou dois denários e deu-os ao estalajadeiro, e lhe disse: Tem-me cuidado dele, e quanto gastardes de mais, eu te satisfarei quando voltar.”

A caridade está simbolizada na ação do samaritano que, embora menos esclarecido que os outros quanto à lei de Deus, concretiza o auxílio. No *Evangelho segundo o Espiritismo*, encontram-se diversos assuntos sobre a caridade: Fora da caridade não há salvação, Necessidade de caridade segundo Paulo, Caridade moral e caridade material, Caridade para com os criminosos, Fazer o bem sem ostentação, As práticas da caridade e O óbolo da viúva. Nessas e em outras passagens, encontramos os subsídios necessários para bem praticarmos a caridade. Elas espelham a orientação dos Espíritos Superiores, que sempre pugnam pela verdade das coisas, independentemente do ser humano gostar ou não.

Em I Coríntios 13:13, Paulo discorre sobre a suprema excelência da caridade: *“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes; porém, a maior destas é a caridade”*.

Conclusão

A subida dos degraus da Escada de Jacó é penosa e lenta. Os degraus estão em níveis e espaços variados, mas, o importante é que eles estejam unidos por duas hastes laterais bem fortes, que possam lhes dar sustentação, a escada, por sua formação, é símbolo de união.

Os caminhos para o aperfeiçoamento são diversos, constituídos por vários acessos: instituições filosóficas, instituições filantrópicas, religiões, escolas etc. Precisamos ter consciência que não existem o certo e o errado, mas sim caminhos mais curtos e mais longos; não existem o “regular” e o “irregular”, todos levam a apenas um objetivo final – o aperfeiçoamento.

Somente quando entendermos isso, viveremos em paz, harmonia e união, poderemos nos considerar como uma unidade. Estaremos, assim, cavando masmorras aos vícios e levantando templos às virtudes, só então, tudo estará justo e perfeito.

Lembre-se, caro leitor, daqueles degraus que temos de galgar obrigatoriamente no caminho do nosso desenvolvimento pessoal e espiritual. Eles representam a Escada de Jacó que galgamos não só através dos aumentos de salários, mas através de nossas atitudes em loja e no mundo profano. Firmemos a nossa fé, lutemos com esperança na vitória, enquanto praticamos o amor e a caridade ao próximo, que são os atos pelos quais um dia seremos julgados pelo Criador. ◆

Referências bibliográficas

- Wikipédia – A enciclopédia livre.
- *Livro da Lei* - Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo – 1975.
- D. C. Ribeiro - M.:I.: da ARLS Theobaldo Varoli Filho.
- Jurandyr José Teixeira das Neves – M.:M.: ARLS Renascença - Santo André/SP.
- Allan Kardec - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Ed. 39 - São Paulo: IDE, 1984.
- Lain Entralgo - *La Espera y la Esperanza: Historia y Teoría del Esperar Humano*. Ed. 2 - Alianza Editorial Madrid, 1984.
- F. C. Xavier - *Contos e Apólogos*, pelo Espírito Irmão X. Ed. 3 - Rio de Janeiro: Fev, 1974.
- *Dicionário Maçônico Enciclopédico*.
- Magister - *Manual del Maestro Masón*.
- H. Dourvil - *El Libro De Los Muertos*.
- Jorge Adoum - *As Chaves do Reino Interno, Rasgando Velos, La Magia del Verbo*.
- M. (anônimo) - *Dioses Atômicos*.
- Annie Besant - *O Poder do pensamento*.
- José Cássio Simões Vieira - *Fé, Esperança e Caridade* (ARLS Orion nº 28, de São Vicente)
- Irmão Jerônimo Coelho - Laguna, 14 de Junho de 2007.
- José Geraldo de Lucena Soares - *Vade-Mécum do Simbolismo Maçônico de Rizzardo de Camino* - (ARLS Fraternidade Judiciária Nº 3614).
- Pedro Neves M.:I.: - www.pedroneves.recantodasletras.com.br.
- Luis Genaro Ladereche Figoli e Hélio P. Leite - *O Painel do Aprendiz-Maçom* (15/07/2010).

Sete degraus de subida

Irmão Erik Silva Imiani

*Loja Merkabah, 569
Oriente de Guarulhos*

Andava errante em círculos nessa vida, eis que me deparei com sete degraus que se sucediam numa íngreme subida. Com algumas instruções já colhidas, sabia que Força nas pernas tinha, era jovem, altivo, sobrava-me energia, mas, ingênuo, ali permanecia, até que um guia esclarecido me disse: “Amigo, essa força toda que você em vão desperdiça não é a exigida nessa subida. Para... Respira... Medita... Fortifica seu espírito, que ainda é juvenil”.

Segui os conselhos desse guia e, quando me senti fortalecido, dei meu segundo passo. Ah, meu amigo! Confesso que tive muito Trabalho. Alguns deles pensei até recusar, pois realmente davam muito trabalho, eram cansativos. Cargos, ofícios, enfim, segui em frente e resolvi a todos encarar da melhor forma possível. E não é que tenho me surpreendido! Hoje, realizo coisas que nem imaginava que iria realizar. Mamãe iria se orgulhar!

Algum tempo se passou, dei meu terceiro passo com a mesma cadência. Opa! Esbarrei na Ciência, e a ciência a que me refiro não é necessariamente essa conhecida. A que vi foi uma mais bonita, sublime e admirada, a tudo permeia, mas sem Virtude é impossível entendê-la.

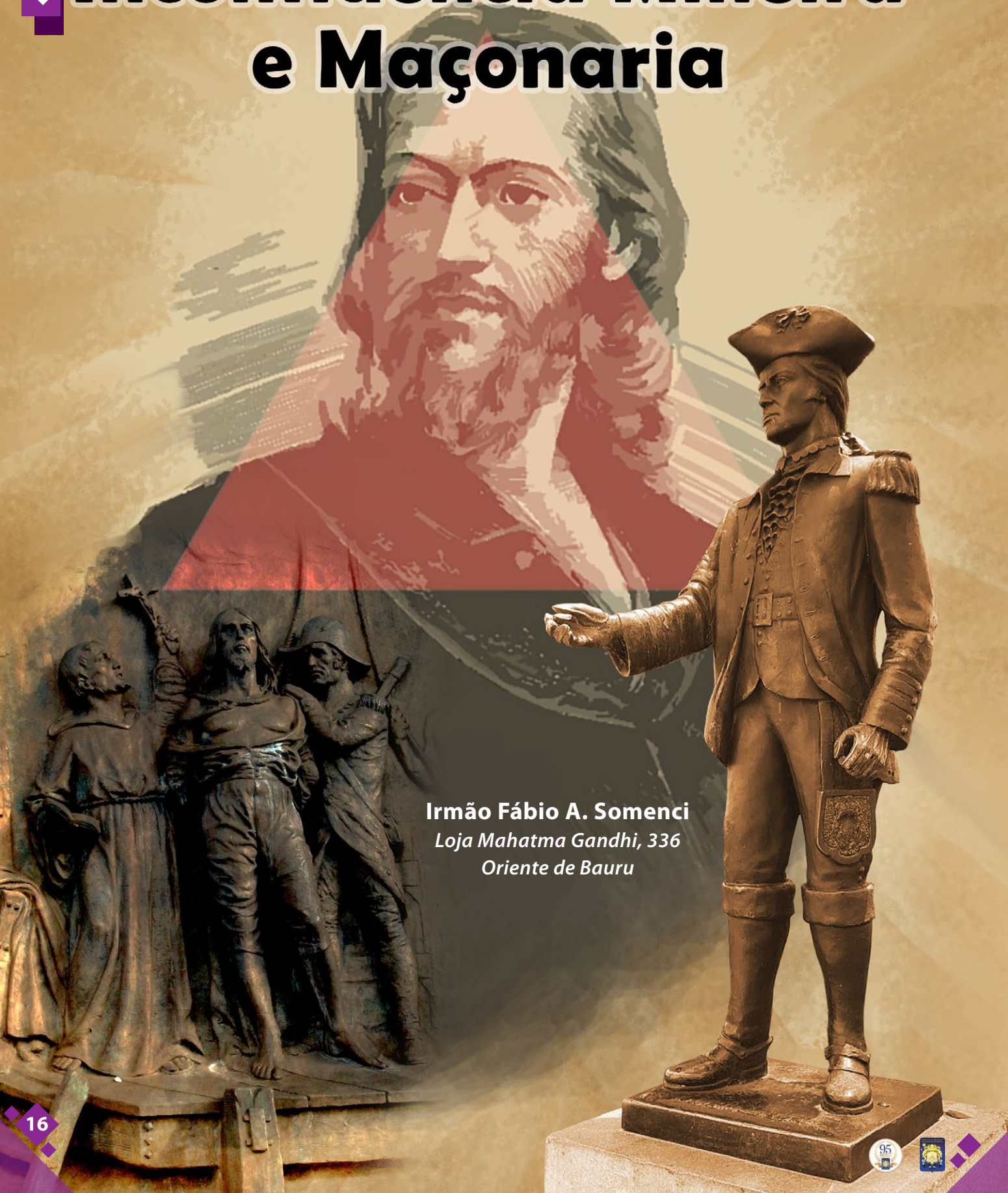
Terminava eu a primeira parte da minha jornada. Respirei, olhei para trás e notei que estava num local mais elevado. Os quatro degraus transpassados me colocaram em um novo patamar, dava orgulho de olhar, porém, para continuar, necessitava ainda de clareza, o melhor: Pureza. Limpei minha alma e pratiquei as lições que havia aprendido, não sozinho, mas com meus amigos.

No passo seguinte, fui mais cauteloso, senti uma sensação estranha. A Luz partia e aquecia minhas entranhas... Um pouco mais iluminado, sabedor do meu dever de ser humano, o último degrau pisei com vontade, deparei-me com a Verdade, aquela comum a todos nós, que não pode ser dita, deve ser vivida.

Não importa em que degrau você está. Lembre-se que, algumas vezes, será necessário retornar, seja para ganhar forças para continuar ou para a um amigo auxiliar. ◆



Inconfidência Mineira e Maçonaria



Irmão Fábio A. Somenci
Loja Mahatma Gandhi, 336
Oriente de Bauru

Era manhã de sábado, nuvens carregadas pairavam no céu, a passos lentos caminhava o condenado rumo à sentença final. Acusado pelo crime de lesa-majestade, altivo, de olhar sereno e decidido, entregue estava, consciente da honra defendida, caminhava. Por onde passava, militares, clérigos, meirinhos, fidalgos, comerciantes, meninos, ciganos, mulatas e escravos, cirurgiões e leprosos miravam-no acovardados e intimidados diante do espírito resoluto que só os mártires possuem. Espírito que liberta e cura. Mesmo aqueles que nunca o tinham mirado sentem-se magnetizados por tamanha presença.

Muitos doentes que ele havia curado agora veem-no ao longe, escutam o passo a passo que aproxima o Alferes da forca. Onde estão os poderosos, representantes da Coroa lusitana, defensores da justiça e que silenciam diante da condenação de um justo? Mesquinhas almas, almas mesquinhas dos leais vassalos. O Alferes vai passando para o imenso cadafalso, onde morrerá sozinho por todos os condenados.

Tocam sinos, ouvem-se rezas. Frades e monges rezam, porém, todos os santos permanecem calados. Era manhã de sábado, 21 de abril de 1792, a procissão passa pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, no trajeto entre a cadeia pública e onde fora armado o patíbulo. O Governo Central da metrópole lusitana tratou de transformar aquela cena em uma demonstração de força, como o fazem os covardes de espírito.

A leitura da sentença demorou 18 horas. Durante o período, muitos expressaram vivas e aclamações à rainha D. Maria I, cuja semente de insanidade já estava instalada. Se a intenção era, com toda essa pompa, intimidar a população para não mais haver revoltas, o efeito foi ao contrário, a ira

despertada fez registrar para sempre, na memória, tão horripilante espetáculo e tornou o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, de anônimo e humilde Tiradentes, o primeiro nome registrado no *Livros dos Heróis da Pátria* desde 21 de abril de 1992, exatos duzentos anos após a execução.

O que hoje conhecemos como o estado de Minas Gerais era chamado, no século 17, de Sertão dos Cataguás, em referência aos indígenas que habitavam a região e foram exterminados. Desde o “descobrimento do Brasil”, havia a ânsia por metais preciosos, conforme pode-se verificar na *Carta de Descobrimento*, de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento sobre as novas terras.

Se durante o século 16 a metrópole lusitana ocupou-se da extração vegetal, especialmente o pau-brasil, no século 17, iniciam-se os largos cultivos de cana-de-açúcar, para finalmente, no século 18, alcançar grande lucro com a descoberta do ouro no leito dos rios e, posteriormente, nas chapadas e escarpas mineiras.

Grande afluxo de migrantes de outras regiões do país e da metrópole começou a chegar com o Ciclo do Ouro, e uma nova sociedade constituída de mineradores, negociantes, advogados, padres, fazendeiros, artesãos, burocratas e militares se formava. A colônia adquiria vida urbana; associações religiosas leigas, as chamadas irmandades e ordens terceiras patrocinavam a construção de igrejas barrocas. Emerge então das terras auríferas uma nova riqueza, a riqueza da fé e da arte, construída sob orientação do mestre-pedreiro livre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, nascido em Vila Rica, provavelmente em 29 de agosto de 1730 ou 1738, e falecido também em Vila Rica, em 18 de novembro de 1814, filho ilegítimo de um construtor português e de uma escrava, acossado





por terrível enfermidade que lhe deformava os membros, mas não o espírito.

Se sobre Aleijadinho paira a dúvida histórica de ter sido ou não iniciado na ordem maçônica, as obras de arquitetura e esculturas esclarecem, pelo menos em parte, esse mistério. Permeadas de sinais e símbolos maçônicos, muitas obras sacras de Aleijadinho destacam-se ainda por rostos singularmente humanos como uma forma de aproximar o divino do humano, duas faces de uma mesma existência.

As esculturas dos doze profetas, em Congonhas do Campo, compostas entre 1794 e 1804, sugerem o conhecimento do artista em relação à Ordem Maçônica, uma vez que, expostas ao ar livre, têm sobre si a abóbada celeste em estado natural. As esculturas estão dispostas simetricamente defronte à igreja, que representaria o altar e a trindade formada pelas Luzes da Loja: o Venerável Mestre, o 1º Vigilante e o 2º Vigilante. Sendo 12 os profetas, eles podem simbolizar os Oficiais que auxiliam a trindade das luzes, ou seja, Orador, Secretário, Tesoureiro, Chanceler, Mestre de Cerimônias, Hospitaleiro, Guarda do Templo, Cobridor, 1º Diácono, 2º Diácono, 1º Experto e 2º Experto.

Se por um lado as esculturas dos 12 profetas indicam o caminho da espiritualidade, assim como os 12 discípulos de Jesus, outra realidade se fazia sentir nas ruas de Vila Rica e cidades circunvizinhas: a presença de escravos. Trazidos forçadamente à colônia, sofreram inúmeras doenças,

como disenteria, malária e infecções pulmonares, além de tratamentos violentos, como o corte do Tendão de Aquiles (para que não fugissem) ou de uma das orelhas, além de marcas de ferro em brasa. Muitos não resistiam: a estimativa de vida útil de um escravo era por volta de 10 anos.

Desde as primeiras descobertas auríferas, as cidades só cresciam, chegando a ter 80% da população formada por negros e mestiços. Em 1776, a população da capitania de Minas Gerais era de 320 mil habitantes. A cada dia chegavam novos migrantes, assim como novas jazidas eram descobertas, porém esqueceram do básico: alimentos para toda essa gente. A fome chegou. Comia-se de tudo: cães, gatos, ratos, raízes, insetos, cobras e lagartos. A escassez de alimentos fez a inflação ficar descontrolada, a ponto de o preço de uma galinha em Vila Rica custar 10 vezes mais que no Rio de Janeiro.

Com o aumento das riquezas, aumentaram também os impostos, da capitação (imposto “por cabeça”) para o Quinto, a partir do ano 1700 (20% da extração de ouro ou diamante) com a exigência de render anualmente pelo menos 100 arrobas ou 1.500 kg.

Durante os tempos prósperos, de grande produção das jazidas, foi possível o pagamento, mas com o declínio, o governo lusitano passou a ameaçar a população com a Derrama, a partir de 1751, imposto a ser pago por cada morador até atingir o montante de 100 arrobas.

As relações das elites locais com os representantes



e funcionários do governo português passaram a ficar tensas, assim como ocorreu em 1720, quando Felipe dos Santos contraria as medidas econômicas do governo português instigando uma revolta, mas esta foi contida a mando do Conde de Assumar. Felipe dos Santos fugiu, foi capturado e barbaramente executado.

Enquanto isso, na Europa, desenvolviam-se ideias liberais na Inglaterra e França, por meio da Revolução Industrial e do Iluminismo (1715-1789). Membros da elite mineira mudavam-se sobretudo para Coimbra, onde desenvolviam estudos de Humanidades e tomavam contato com novas ideias e com uma nova ordem filosófica, secreta e fraterna, conhecida inicialmente como Academia ou Sociedade Literária, que vem a se configurar, posteriormente, nas Lojas Maçônicas.

Em Coimbra, formou-se o Grupo dos 12, brasileiros que se comprometeram sob juramento a empreender todos os esforços para libertar o Brasil e os brasileiros do jugo português. Seriam irmãos maçons iniciados em Coimbra e que contribuiriam para a organização do levante chamado inicialmente de Conjuração (conspiração contra o estado português) e que visava proclamar uma república com os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, seguindo os moldes da constituição dos Estados Unidos da América; o distrito de Diamantina seria liberado das restrições; os devedores da Coroa seriam perdoados; a instalação de indústrias seria estimulada e os escravos nascidos no Brasil seriam

libertos. Ou seja, está implícito a defesa de ideais que mais tarde se tornariam lemas da Revolução Francesa: a Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Dentre os irmãos que atuaram primeiramente na Europa para o desenvolvimento de ideias acerca do levante, destacam-se: José Álvares Maciel (1760-1804), estudante da Universidade de Coimbra e, posteriormente, da Faculdade de Medicina de Montpellier, berço de ideias e ideais liberais e maçônicos, um dos fundadores da suposta primeira loja maçônica do Brasil, em 1759, na Bahia, chamada Academia dos Renascidos; e José Joaquim da Maia, que teria recebido a promessa de Thomas Jefferson, embaixador dos EUA na França, de apoiar as aspirações dos inconformes.

Segundo o irmão M. Gomes, em sua obra *A Maçonaria na história do Brasil*, a Ordem teria surgido na Inglaterra, em 1646, com Elias Ashmole, autor dos rituais que, em linhas gerais, são ainda seguidos. Já em 1721 (75 anos depois), James Anderson redige os primeiros regulamentos da Fraternidade, conhecidos por *Constituição de Anderson* e, a partir daí, a Maçonaria começou a se espalhar pela Europa e Américas.

No caso de Portugal e da colônia brasileira, as lojas maçônicas surgiram, sobretudo, sob a chancela do Marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José I, entre 1750 e 1777, e um dos líderes da Maçonaria portuguesa: promoveu uma série de transformações impulsionadas por ideias liberais, como a extinção da Companhia de Jesus

com a consequente expulsão dos jesuítas, o confisco de bens e a laicização do ensino. Quase nada de documentos restou devido às perseguições aos maçons determinadas pela sucessora de D. José I, a filha primogênita D. Maria I, rainha entre 1777 e 1816, católica fervorosa que teria sido manipulada por religiosos que alegavam estar o pai, D. José I, queimando no inferno como punição por ter autorizado o fim da Companhia de Jesus.

No Brasil, as reuniões ocorriam secretamente, normalmente de madrugada, seja em Vila Rica (Ouro Preto) ou Diamantina, e delas participavam Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, Inácio de Alvarenga Peixoto (poetas e bacharéis), Padre José da Silva Rolin, Joaquim José Vieira do Couto e Tiradentes, entre outros. Tiradentes teria se iniciado na Bahia, ou no distrito de Tijuco (Diamantina) ou, ainda, no Rio de Janeiro.

Ao longo das reuniões, foi decidido que a bandeira do novo país que se formaria seria branca, com um triângulo vermelho ao centro. O uso do vermelho no triângulo seria uma homenagem aos maçons franceses, conhecidos como “maçons vermelhos”, defensores do sistema republicano; enquanto os maçons ingleses eram conhecidos como “maçons azuis” e defensores da monarquia parlamentar constitucional. Ao triângulo vermelho acrescentou-se, por sugestão do irmão Alvarenga Peixoto, o verso extraído do poeta latino Virgílio: *Libertas quae sera tamen* (Liberdade ainda que tardia).



As reuniões prosseguiram, Tiradentes – que havia sido Alferes por 14 anos, chefiado a patrulha que policiava o chamado Caminho Novo (rota por onde passava ouro e diamantes) e ajudado a acabar com os roubos e contrabandos da Mantiqueira – tomava para si a responsabilidade de conscientizar a todos que encontrava a respeito dos desmandos da Coroa, movido pelo nobre ideal da liberdade e justiça, mesmo que incompreendido muitas vezes e até ter sofrido chacotas.

Tudo se encaminhava para o sucesso do levante, muitos estavam de acordo, era o ano de 1788 e a ameaça da cobrança da Derrama gerava ainda maior tensão. Um novo governador de Minas Gerais fora nomeado – Visconde de Barbacena –, aumentando ainda mais o descontentamento, e a senha para o início da conjuração já havia sido definida: “Tal dia é o batizado”. Porém, um dos conjurados, Joaquim Silvério dos Reis, em 15 de março de 1789, acossado por dívidas e ameaças, decide trair o movimento e apresenta-se ao governador Visconde de Barbacena para fazer uma delação em troca de vantagens pessoais como o perdão das dívidas, o direito a uma pensão e um título nobiliárquico. Seguiram-se outras delações. Em 23 de março de 1789, a Derrama é suspensa, o padre Inácio Nogueira é preso e, logo depois, Tiradentes, em 10 de maio de 1789. Seguiram-se novas prisões em Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Fato curioso durante as denúncias na capital é a figura do embuçado (ou encapuzado), pessoa que percorria as casas à noite, avisando das prisões e pedindo aos envolvidos que fugissem. Quem seria? Algum irmão maçom? Ou alguém descontente com o Governo português?

A verdade é que muitos não conseguiram escapar, foram levados para a prisão no Rio de Janeiro e ficaram presos por volta de três anos, até sair a sentença final, em 18 de abril de 1792: Tiradentes e os outros

rêus foram condenados à forca. Horas depois, chega uma carta de clemência da rainha D. Maria I que transformava muitas penas em exílio nas terras da África, como Angola e Moçambique, com exceção de Tiradentes, o único condenado à forca.

Chega a manhã de sábado do dia 21 de abril de 1792. Após o cortejo com a presença de religiosos e da população, que calada e estupefata assistia à cerimônia e às 18 horas de leitura do processo, o carrasco é chamado à execução. Porém, antes, pediu perdão, pois sabia que estaria executando um justo, um justo que abdicou da própria salvação em nome do ideal de liberdade para o bem de todos. A execução segue-se, Tiradentes é enforcado, a seguir, ocorre a retalhação do corpo, e as partes foram pregadas em postes no Caminho de Minas; cabeça ficara exposta na praça principal de Ouro Preto, até que misteriosamente desaparece, assim como misteriosamente aparecera o embuçado.

Tiradentes é sacrificado e entra para a história, transforma-se em herói nacional. Trinta e três anos se passam, o Brasil alcança finalmente a independência, seguem-se 66 anos, a abolição da escravidão é assinada e, quase um ano depois, em 15 de novembro de 1889, proclama-se a República, desejo maior dos maçons vermelhos ou franceses, seguidores do racionalismo iluminista e defensores dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Nas Minas Gerais do século 18, houve, portanto, “Uns querendo ouro e diamantes, outros, liberdade, apenas...” (Cecília Meireles). Estranha, afinal, é essa palavra nos dizeres novamente de Cecília Meireles: “Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!

Por fim, faço minhas as palavras do ilustre irmão Quintino Bocaiúva (1836-1912) – atuante no pro-

cesso da Proclamação da República, maçom iniciado na Loja Amizade (SP, 1861) e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil de 1901 a 1904 – a respeito da Ordem, segundo a obra *A Maçonaria na História do Brasil*, de M. Gomes:

“A aspiração comum de nossa Ordem deve manter vivas e respeitadas as tradições veneráveis da Instituição Maçônica; e, como obreiros abnegados do Bem, temos o dever de trabalhar pela felicidade do Brasil, em cujo seio vivemos e ao qual nos prendem, com os vínculos dos interesses materiais de nossa existência, os vínculos ainda mais fortes dos interesses morais e afetivos de nossa alma. A cada geração, a sua parte no trabalho e na luta, no esforço e no sofrimento.” ◆

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Libertadores da América: a maçonaria e a emancipação dos povos americanos*. São Paulo: Ed. O Malhete, 1959
- BANDECHI, Pedro Brasil. *A bucha, A Maçonaria e o Espírito Liberal*. São Paulo: Livraria Teixeira, 1978.
- FAUSTO, Bóris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2018.
- GOMES, P. *A Maçonaria na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s.d.
- LOPEZ, Adriana. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*. Volume 1. São Paulo: Global, 2017.
- NUNES, Barbosa (Grão-Mestre Adjunto – GOB). *Cidade de Tiradentes e as obras de Aleijadinho* (artigo). In *Essência Maçônica - Notícias e artigos da Maçonaria Regular*. <https://bit.ly/3v2bV5i> (Acessado em 10 de abril de 2022).
- SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



A lei de ouro do Mestre Confúcio e seus ensinamentos

Irmão Sérgio Barbosa
Loja Primeiro de Janeiro, 113
Oriente de São Paulo



Não faça com os outros aquilo que você não gostaria que fizessem com você. A partir desse ensinamento, conseguimos construir inúmeras narrativas.

Imagine que, ao verem um praticante de um credo religioso que seja diferente das suas crenças, você e seus amigos começam a tecer comentários maldosos, dar risadas e, no pior dos casos, começam a insultar a pessoa.

Todos são pais ou filhos de alguém. Quando você insulta uma pessoa, também está insultando a família dela. Imagine-se agora andando pela rua, e três pessoas que professam uma religião diferente da sua começam a olhar para você com cara de chacota. Um olha para o outro, e começam a dar risadas. Eles olham para você e começam a te xingar. Você gostaria de ser tratado desse jeito? Com certeza não. Então, faz-se necessário aplicarmos uma autoanálise e, antes de fazermos algo a alguém, pensarmos como nos sentiríamos se fizessem isso conosco.

Nossa tolerância é uma forma de bondade ao próximo. Confúcio foi um dos primeiros pensadores a trabalhar nos conceitos da bondade, aplicando-os a partir da família, passando pela comunidade e interagindo na sociedade como um todo.

Ensinou os governantes a governar pelo poder de seus próprios exemplos, tratando as pessoas com bondade e generosidade, sendo esse o segredo para inspirá-las a ter um bom comportamento, a partir do bom exemplo dos dirigentes. Uma lição clara de que, para governarem os outros, os governantes primeiro precisam aprender a governar a si mesmos.

Um de seus ensinamentos é o amplo respeito aos pais e à ancestralidade. No ritual do casamento, o casal se curva perante a tábua dos

ancestrais do noivo, na qual a noiva é apresentada aos antepassados do futuro marido através desse ritual para que possam ser abençoados pela ancestralidade.

Nesse ensinamento, podemos compreender que as responsabilidades e os laços familiares não terminam com o cessar da vida terrena. Com ele, aprendemos a reverenciar a todos aqueles que construíram a estrada que hoje percorremos o caminho, estamos aqui graças a eles, e isso não pode ser esquecido.

Tudo nessa vida é uma soma de vários aprendizados. O próprio confucionismo foi evoluído, através da Dinastia Song pelo erudito Zhu Xi (cerca de 1.130 a 1.200 d.C.), sendo incorporados elementos do taoísmo e do budismo, criando uma religião batizada de Neoconfucionismo.

Do auge de sua sabedoria, o próprio Confúcio admitiu que não criou nada, afirmando ter estudado a ideia de sábios aos quais teve acesso.

A lição “Não faça com os outros aquilo que você não gostaria que fizessem com você” nos ensina a criar um mundo a partir da perspectiva de como gostaríamos de ser tratados.

Diferentemente do freio moral implantado pelas religiões, esse ensinamento nos convida a sermos justos e aplicarmos os critérios da proporcionalidade de como gostaríamos de ser tratados.

Uma lição valorosa para quando pensarmos em criticar, ridicularizar, desmerecer ou prejudicar alguém, pois, se nos colocarmos no lugar da pessoa que sofrerá esses males, certamente não continuaremos a prática desses malefícios.

O pensar no outro a partir da perspectiva de que desejamos para nós é uma forma de harmonização da humanidade, uma reconciliação dos polos, um amplo entendimento e prática da tolerância com as pessoas, através do entendimento de nossa unidade. ◆



A ESCADA EM CARACOL

Irmão Celso Eustáquio de Avelar
Loja Cavaleiros Unidos do Vale do Paraíba, 541
Oriente de São José dos Campos

“Suba o primeiro degrau da escada com fé. Não é saber quantos degraus te levam ao cume. O cume pode ser infinito: apenas dê o primeiro passo”.

(Martin Luther King)

Um dos símbolos maçônicos menos conhecidos é a Escada Caracol ou a Escada em Espiral. Esse atributo da lenda maçônica é baseado no Livro de Reis, tomo primeiro, capítulo VI, versículo 8, no qual é relatado que: “A entrada que levava à câmara do meio do Templo de Jerusalém estava situada no lado direito e tinha acesso por escadas em caracol e desta se comunicava com a terceira”.

Ao entrar no templo e “ver a Luz”, o iniciado se coloca no limiar que o levará a conhecer o verdadeiro significado dos ensinamentos que a Maçonaria oculta por trás de seus Símbolos, Lendas e Alegorias. O mundo profano está fora do templo, o mundo do iniciado existe dentro de suas paredes sagradas. Entrar no templo, ter acesso ao pórtico e tornar-se maçom, assim como nascer no mundo da luz maçônica, são termos sinônimos compatíveis com a liturgia ritualística. E é assim que começa o simbolismo da Escada em Caracol.

Além disso, não há nada mais indubitável dentro da ciência do simbolismo maçônico do que o fato de que o templo é a personificação do mundo purificado pela presença divina.

Na primeira da série de seus ensinamentos, o Aprendiz é recordado, frequentemente, de que necessita de uma mão experiente para guiá-lo pelo labirinto que o levará a conhecer a si mesmo, o que lhe permitirá purificar seu coração, a fim de prepará-lo para obter o esculpido da pedra, subindo ao segundo degrau da escada.

A referência à organização da Instituição Maçônica é designada para lembrar ao aspirante a inserção do homem na sociedade e o desenvolvimento do estado social que advém da grandeza e do poder da natureza.



Dessa forma, ele é então despertado, no início de seu trânsito, sobre os benefícios que resultam da civilização e os frutos da virtude e da ciência que são logrados dessa condição. A própria Maçonaria é fruto da civilização, razão pela qual sua existência tem sido um dos meios mais importantes de divulgação dessa condição junto à Humanidade.

A segunda série representa o Aprendiz em sua juventude, o qual, conduzido por uma mão protetora, embarca na jornada da vida, iniciando assim a educação intelectual que lhe permitirá a elevação moral e espiritual de seu caráter, sendo justamente nessa série onde lhe é ensinada a necessidade de disciplina e educação, até que, através do estudo e da prática das ciências que lhe irão proporcionar a possível chegada junto à Câmara do Meio, local onde se encontra a justa apreciação da Verdade.

Todos os monumentos da Antiguidade que ainda se conservam, apesar da perda da palavra, contribuem como prova evidente de que o homem, logo que deixou o estado selvagem, começou com a organização dos mistérios religiosos e, movido por um instinto divino, determinou a separação das coisas sagradas das profanas.

No estado de civilização, a invenção da arquitetura surgiu como meio de prover os cômodos convenien-

tes e necessários para a proteção contra as intempéries e a variação das estações, bem como o conhecimento de todas as artes e suas relações com a mecânica e, finalmente, a geometria, como ciência necessária para facilitar aos cultivadores da terra, o meio de medir e determinar os limites de suas posses.

O simbolismo da escada em espiral representa o progresso que, através do estudo e do trabalho, se manifesta da inteligência do pesquisador, o que requer, ainda, o conhecimento das ciências humanas antes de adquirir o verdadeiro conhecimento da Verdade Divina, o Conhecimento da Palavra.

O estudo do simbolismo da Escada em Caracol é muito amplo, transcendente e contempla múltiplas maravilhas, entretanto, merece reflexões à medida que se elevam os degraus da escada.

O número desses degraus em todos os sistemas tem sido ímpar: 3, 5, 9, 11. Vitruvius observa, e a coincidência é no mínimo curiosa, que nos antigos templos subia-se sempre por um número ímpar de degraus. Atribui-se como razão que, iniciando a subida com o pé destro apoiado no patamar, quando entrando no templo, dava-se o primeiro passo com o pé direito, o que era considerado um prognóstico fortuito e feliz. O número ímpar de degraus, conseqüentemente, foi pensado para simbolizar a ideia de perfeição, objetivo fundamental que o aspirante pretende alcançar.

As primeiras literaturas desse costume nos remetem à Inglaterra, desde o início do século 18, e dão o número total de 38, divididos em séries de um, três, cinco, sete, nove e onze. O equívoco de formar um número par, que era a violação do princípio pitagórico exclusivo dos números ímpares como símbolo de perfeição, foi corrigido nos escritos de Hemming e adotado na união das duas Grandes Lojas da Inglaterra, suprimindo o número 11, o que também foi inadmissível por apresentar caráter de origem sectária em toda a sua interpretação.

Além disso, a aquisição moral e intelectual dessa condição também deve ser a elevação do caráter, a mudança de uma vida inferior para uma superior e o encontro e a realização de trabalhos, por meio de instrução e complementos de instruções, até a realização de conhecimento frutífero da ciência.

Isso é admiravelmente simbolizado pela Escada em Caracol, em que o patamar para o neófito está pronto para subir, encontrando no seu cume “aquele hieróglifo radiante que ninguém, exceto o Artífice da Arte Real, jamais o viu”, como emblema da verdade divina.

De fato, o passado e todos os símbolos maçônicos são ilustrativos de disciplina e doutrina, assim como as ciências naturais, matemática e metafísica, fornecendo-nos, dessa forma, um imenso espaço para moralidade e especulação.

Tais circunstâncias criam em mente a real compreensão dessa condição para a civilização e a união social com a Humanidade, como preparação necessária para a obtenção desses fins.

Então, o candidato, ao mesmo tempo em que avança nos estudos, é convidado a contemplar outra série de instrumentos. E como é natural, vemos a propriedade e o resultado do simbolismo, começando com o progresso do aspirante, que ascende rapidamente no cultivo da ciência e na livre investigação da verdade. ◆

Referências bibliográficas

- ASLAN, Nicola. *A Loja Operativa, Coletânea de Trabalhos de autores diversos*. Londrina: Revista A Trolha, 1993.
- BERTELOOT, S. J. e Padre Joseph. *A Maçonaria perante a História*. Tomo 3, Pág.195-197. 1992.
- BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica*. Editora Pensamento, 2016.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema, 1994.
- COSTA, Frederico Guilherme. *Maçonaria na Universidade*, Londrina: Ed. A Trolha.
- DA CAMINO, Rizzardo. *Dicionário Maçônico*. São Paulo: Madras Editora, 2013.
- FARINI, Tullio Luigi. *Conheça sobre as cores na Maçonaria*, Tradução de “Perguntas & Respostas” publicado no JB News, 2019.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria*. Pensamento, 2016.
- GUADALUPE, María Bravos de Dios. *El secreto de los colores en los estudios académicos (artigo)*. Universidad Autónoma de la Ciudad de México, Human Biology Department, Faculty Member.
- SCHEIBE, Hermann; SCHREIBER, Greog. *História e Mistérios das Sociedades Secretas*, Tradução de Eurico Douwens. São Paulo: Ibrasa, 1959.
- VERDUSSEN, Roberto. *Manuscrito de um Aprendiz*. São José dos Campos: ARGBLs Duque de Caxias N° 1357, 1976. *Encyclopaedia Britannica*, vol. 4, 1981.



A ÉTICA KANTIANA

E SUA APLICABILIDADE NA MAÇONARIA

Irmão Samir Cury

Loja Colunas de São João Batista, 857 – Oriente de São Paulo

RESUMO: Este artigo tem como objetivo abordar o pensamento de Immanuel Kant em relação à Ética, mais especificamente o que ficou conhecido como Imperativo Categórico e, nesta linha, sua aplicabilidade na Maçonaria. Ao aproximar-se desse tema, conforme propõe o filósofo, serão revistas reflexões sobre o dever da ação humana numa abordagem tríplice, ou seja, como lei universal, como fim em si mesmo e como legislador universal, procurando validar sua aplicabilidade pelo ser humano e, principalmente, pelo maçom, tendo base nos princípios defendidos também pela Instituição Maçônica.

CONCEITOS PRELIMINARES

Senso moral

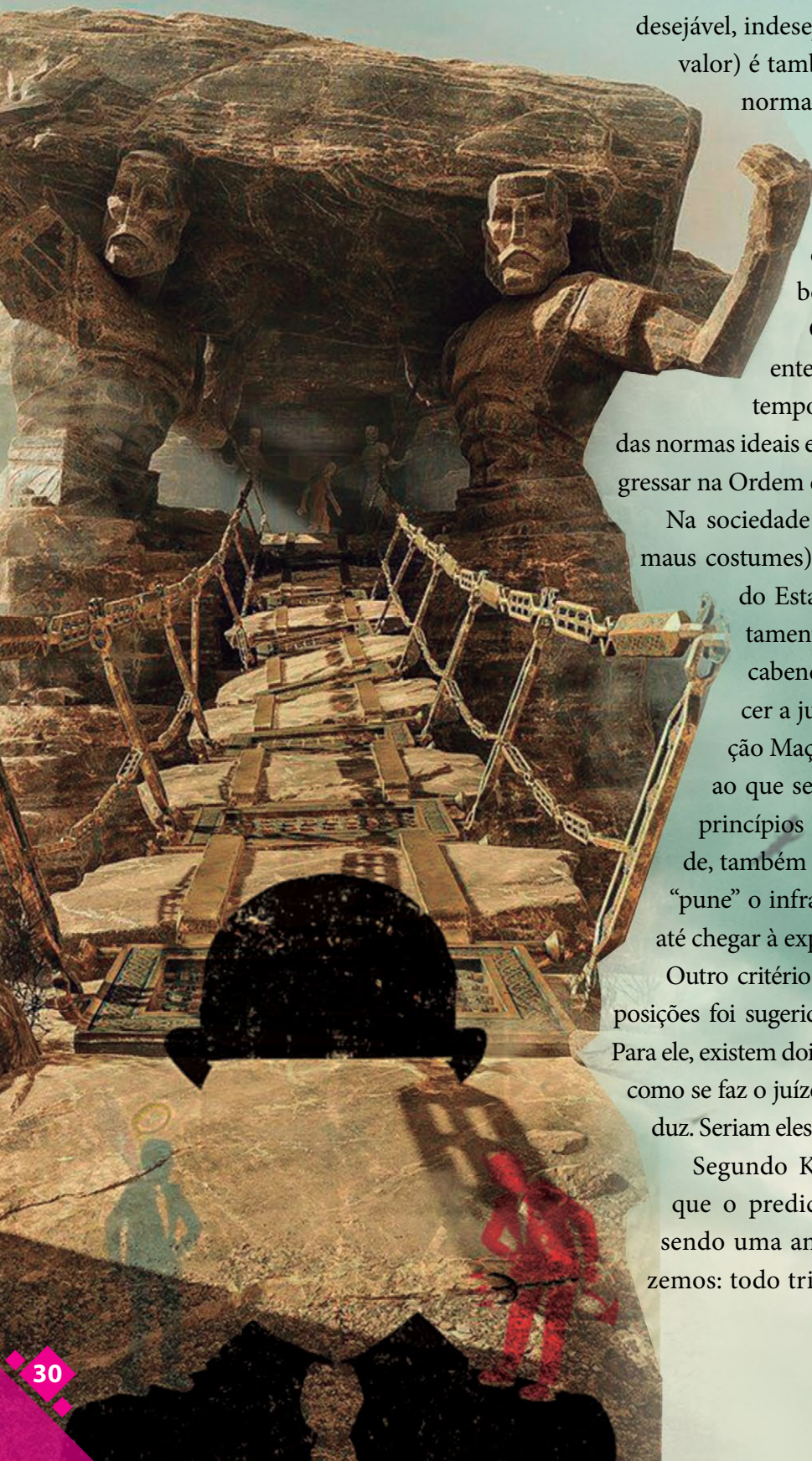
Nós, seres humanos, nos diferenciamos dos demais animais por sermos dotados de sentimentos facilmente perceptíveis, tais como tristeza, alegria e raiva, dentre outros, e, ainda, sentidos morais, como honestidade, justiça, injustiça, indignação etc. Estes últimos, muitas vezes, desencadeando sentimentos de culpa ou mesmo remorso por ter agido de forma errada ou inadequada com o outro; ou mesmo sentimentos positivos, como dignidade por se entender como uma pessoa justa e correta. Nesse sentido, esse senso moral nos possibilita que o convívio social seja o mais harmônico possível pelo agir consciente, onde o agir consciente é percebido como ato que tem consequências na ação originalmente escolhida.

Juízos de fato e de valor, analíticos e sintéticos

Quando dizemos “Fulano foi roubado”, é algo bastante diferente de dizer “O roubo de Fulano foi uma atrocidade”. Observa-se no primeiro exemplo a pura descrição do fato, já no segundo, você está avaliando segundo seus valores.

Assim, temos em “Fulano foi roubado” o juízo de fato, em que se constata algo e este é enunciado. No juízo de fato, o único objetivo é dizer o que ou como se deu o evento.





No juízo de valor, por outro lado, acontece uma avaliação que, mediante os valores de quem enuncia a realidade constatada, será boa, má, bela, feia, justa, injusta, desejável, indesejável etc. Assim, esse tipo de juízo (de valor) é também considerado como precursor das normas de conduta social que circunscrevem os parâmetros para o estabelecimento de conceitos do que é bom e do que é mau, definindo critérios de conduta aceitáveis para o que seriam bons costumes e maus costumes.

Quando a Maçonaria delimita o que entende por bons costumes, ao mesmo tempo encerra o que considera ser a violação das normas ideais estabelecidas para que alguém possa ingressar na Ordem e se manter nela adequadamente.

Na sociedade moderna, a conduta inadequada (os maus costumes) gera uma repressão que está a cargo do Estado, cabendo a este punir os comportamentos inaceitáveis de alguma forma, não cabendo a alguém que foi prejudicado exercer a justiça pelas próprias mãos. Na Instituição Maçônica, a conduta inadequada, que foge ao que se entende por bons costumes e fere os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, também é analisada por tribunal específico que “pune” o infrator com sanções específicas, podendo até chegar à expulsão da Ordem.

Outro critério de classificação dos juízos e suas proposições foi sugerido por Immanuel Kant (1724 – 1804). Para ele, existem dois tipos de juízos, de acordo com o modo como se faz o juízo e a fonte do conhecimento que o produz. Seriam eles os juízos analíticos e os juízos sintéticos.

Segundo Kant, juízos analíticos são juízos em que o predicado pode estar contido no sujeito, sendo uma análise pura. Por exemplo, quando dizemos: todo triângulo tem três lados. Juízos sintéticos

cos *a posteriori* são aqueles em que o predicado vai se relacionar ao sujeito por uma síntese; têm por base a experiência. Por exemplo: a água ferve a 100 graus centígrados.

Percebe-se que os “juízos” são eminentemente construções culturais e variam no tempo e no espaço e, assim, temos os parâmetros para o outro conceito que denominamos moral.

Moral

Toda ação humana pode ser considerada como ação moral, pois há um sujeito que a pratica. É necessária uma orientação racional do mundo e de si que oriente a ação e que o agente tenha consciência que assumirá a responsabilidade de responder pelos seus atos. Assim, toda ação pressupõe consciência, liberdade e responsabilidade.

A consciência moral se manifesta quando é preciso deliberar diante de situações possíveis. Diferentemente do senso moral, não é automática, mas discursiva, portanto, acontece por etapas, de modo a estabelecer raciocínios cujo objetivo é chegar a justificações para a ação.

Para o exame de consciência moral, é necessário que se verifique:

- I) os interesses pessoais,
- II) os interesses de outros sujeitos,
- III) as condições da circunstância de decisão.

Por isso, é premissa da discussão moral chegar ao bem comum, não ao bem exclusivamente individual. Mesmo quem defende o egoísmo como forma de postura moral o faz sob a justificativa de que, se cada um cuidar primordialmente dos próprios interesses, então todos se beneficiam.

Poder fazer escolhas é ter liberdade. E para que se possa ter liberdade há que se seguir as normas

estabelecidas em sociedade, e na Maçonaria isso não é diferente. O maçom inicia sua jornada apto a tornar-se um ser humano melhor, observando sempre o interesse coletivo em detrimento do interesse pessoal. A premissa maior está sempre na busca do bem comum. As regras e princípios que o sujeito coloca para si próprio precisam se adequar à convivência com outros sujeitos. Nesse sentido, ser livre e autônomo requer que se leve em consideração não só os próprios interesses, mas os interesses alheios.

O maçom é o sujeito moral e, portanto, aquele que reconhece a existência de outros sujeitos morais e se compromete a não tratar outros sujeitos como meios para se chegar ao objetivo. O maçom é responsável, afiança os próprios atos tendo consciência de que toda ação tem uma ou mais consequências e, por isso, não basta agir, mas assegurar-se de algum modo que a ação acarretará as consequências positivas e benéficas universalmente.

Ética

Etimologicamente, o significado é o mesmo de moral: costumes. Em grego, costume é *ethos*; em latim, *mores*. Há, no entanto, uma particularidade relativa à origem grega. Há duas maneiras de escrever o vocábulo em caracteres gregos que não são plenamente traduzidas: uma significa costumes (o conjunto de hábitos e valores de uma coletividade), ao passo que a outra significa caráter, temperamento, índole (o conjunto de hábitos e valores de um indivíduo). Por esse motivo, por vezes, em textos acadêmicos, costuma-se utilizar a palavra “ethos” para se referir aos costumes de um grupo cultural.



Usos comuns dos termos

A palavra “moral” é utilizada em frases como “ele saiu com a moral baixa depois que seus crimes vieram à tona”. Isso

ocorre porque há uma derivação de sentido de costumes para valores, e daí para o modo como alguém é visto socialmente.

Os costumes são o conjunto de hábitos e valores que uma sociedade adota. Os valores são os elementos, materiais e imateriais, que são considerados em mais alta conta em uma coletividade. Estar de acordo com eles é estar de acordo com a moral e, portanto, ter a moral elevada. Ir de encontro a eles é transgredir a moral e, assim, ter a moral rebaixada.

Saindo das semelhanças e explorando as diferenças, a primeira é quanto a um uso simbólico da palavra “ética”. É possível dizer também “A minha ética é diferente da sua”, com alusão a caráter, temperamento, índole. Daí ser comum o uso de frases como:

“Cada um tem a sua ética e o que considera certo e errado”.

Ética e moral na filosofia

Em Filosofia, estabelece-se uma distinção: de um lado, como é usado nos manuais contemporâneos; de outro lado, como é utilizado por filósofos específicos em momentos diferentes da história do pensamento ocidental. Em primeiro lugar, nos manuais contemporâneos, ou não se faz distinção entre uma e outra, ou, quando se faz, é para estabelecer que moral se refere aos costumes localizados em certo grupo, portanto, algo variável no tempo e no espaço, e que ética se refere à Filosofia Moral, isto é, à reflexão, análise, interpretação e crítica da moral. Em segundo lugar, alguns filósofos partiam do fato de

que há duas origens etimológicas para estabelecer diferenças semânticas.

O exemplo que interessa particularmente a este artigo é Kant, para quem “moral” designa o conjunto dos princípios gerais, e “ética”, sua aplicação concreta. É possível que o filósofo utilize a palavra “moral” como teoria dos deveres em relação aos outros, ao passo que “ética” designe a doutrina da “salvação” e da sabedoria.

Ética será a parte da Filosofia que investiga a Moral – daí Filosofia Moral. Costuma haver uma divisão tripla na Ética entendida desse modo: Ética Normativa, Metaética e Ética Aplicada.

Ética Normativa é o estudo de como devemos agir, isto é, em que normas basear a ação. A preocupação central é tentar encontrar critérios para o que é moralmente bom e o que é moralmente mau. Por vezes, é também chamada de Ética Prescritiva, porque não se trata de algo que naturalmente se faça, mas que é necessário fazer para agir conforme o bem. Perguntas desse campo são, por exemplo:

- Como reconhecer uma pessoa moralmente correta?
- É moralmente correto mentir?
- Tenho um dever de ajudar pessoas mais pobres que eu?

Metaética é o estudo acerca do que são a moralidade e os julgamentos morais. Usa abordagens teóricas e descritivas para entender os compromissos e pressupostos que subjazem nosso pensamento sobre essas duas instâncias. Quando dizemos que é preciso haver consciência e liberdade para haver um sujeito moral, estamos fazendo metaética. Perguntas desse campo são, por exemplo:

- O que é um valor moral precisamente – algo que existe no mesmo sentido que existem entidades como pedras (objetos) e frio (atributos)?
- De onde tiramos os valores morais que adotamos – cultura, natureza, transcendência?

- Valores morais são subjetivos, intersubjetivos ou objetivos?

A Ética Aplicada estuda questões controversas envolvendo julgamentos morais, debatendo temas como aborto, infanticídio, eutanásia, pesquisa com células-tronco, pena de morte, legalização das drogas, discriminação, direito dos animais etc. Isso posto, estamos previamente preparados a entrar no universo da Ética na visão Kantiana.

A Ética em Kant: Crítica da razão prática

O conceito de razão prática para Kant leva ao entendimento de que a razão humana não é somente teórica, mas prática. A razão é capaz de direcionar a conduta humana. O livro *Crítica da razão prática* trata desse último aspecto da racionalidade.

Na sua obra *Crítica da razão pura*, Kant criticou a razão em suas pretensões para além do sensível e, portanto, do espaço e do tempo, em busca de Deus, Mundo e Alma.

A razão em seu estado prático não tem o objetivo de alcançar os conceitos incondicionados, mas determinar vontades e ações humanas, cuja realidade objetiva não é dubitável.

Kant argumenta que, caso permaneça só restrita ao seu âmbito – que é o da experiência, suas capacidades são insuficientes para tal propósito. Dessa maneira, se Kant colocava limites à razão pura, nessa nova abordagem ele a reabilitará em auxílio da razão prática, que sozinha não poderia cumprir o seu propósito. Porém, Kant argumenta que o nùmeno¹ precisa ser postulado para fundamentar a ação moral da vida prática.

1- A realidade tal como existe em si mesma, de forma independente da perspectiva necessariamente parcial em que se dá todo o conhecimento humano; coisa em si, nùmeno, nómeno. Embora possa ser meramente pensado, por definição é um objeto incognoscível.



A lei moral como imperativo categórico. A tarefa agora trata de argumentar que a razão pura, e não a razão prática apenas, é suficiente para orientar a vontade humana. O motivo é que, apenas nesse caso, podem existir princípios morais válidos sem exceção para alguém, isto é, leis morais de valor universal.

São princípios práticos as determinações gerais da vontade, que se dividem em inúmeras regras particulares. Os princípios práticos que valem para o sujeito que os propõem são chamados de imperativos.

Imperativos são mandamentos, deveres. Imperativos hipotéticos são aqueles que determinam a vontade sob a condição de alcançar uma determinada finalidade e, por isso, são hipotéticos. Imperativos categóricos são aqueles que determinam a vontade sem almejar efeito algum, sem qualquer outra condição.

Os exemplos se repetem de modo difícil de numerar, mas a essência é trocar o “Se queres ser X, então faça Y” por “Faça Y, porque deve fazer Y”.

O que Kant argumenta é que, caso dependa da emoção e do contexto, a ação moral simplesmente não é autônoma, porque ela sempre dependerá de algo exterior a ela. Portanto, não apresentará constância alguma.

Só a razão pura pode vir em auxílio. Por isso, para Kant, apenas imperativos categóricos são leis morais, pois não dependem de emoção, de contexto e de objetivos externos, são necessários e universais.

Ao contrário, as leis morais podem não vir a se concretizar, uma vez que a prática humana demonstra ocasiões assim

corriqueiramente. Isso acontece justamente porque todas as pessoas, ao contrário da natureza em seu aspecto mais abrangente, estão sujeitas a inclinações sensíveis, ou seja, a emoções e a condições contextuais.

O imperativo categórico é o dever concebido apenas pela razão pura, sem desvios desse tipo. É o dever que vale para todos os seres racionais, sem exceção.

O cerne do imperativo consiste no fato de valer-se da virtude em sua forma de lei universal, na qual a razão é o caminho.

A essência da moral é, assim, a adequação da vontade à forma da lei. Nesse sentido, a intenção do agente moral é imprescindível para um ato ser verdadeiramente moral. Se alguém pratica ação correta não com vistas a adequar sua vontade à norma, mas com qualquer outro objetivo, então não age necessária e universalmente, mas a partir de inclinações sensíveis, emocionais e contextuais.

A existência da lei moral se impõe à consciência como um fato da razão, e esse “fato” se pode explicar apenas caso se admita a liberdade. As pessoas adquirem consciência da liberdade justamente porque, antes de tudo, têm consciência do dever.

O fato de existir o dever informa, por si mesmo, que algo poderia ter sido feito de modo diferente, mas não foi. O dever parece implicar o poder e, portanto, a liberdade de fazer ou não fazer. Do contrário, não faria sentido sentir arrependimento, afinal, se não houvesse escolha, não haveria responsabilidade pelos atos, e não havendo responsabilidade, não haveria dever.

A *Crítica da razão prática* está presente nos ensinamentos maçônicos nos quais a liberdade, o senso de igualdade e fraternidade, bem como a credulidade na imortalidade da alma e em Deus, de simples ideias exigências estruturais da razão, tornam-se postulados.

A máxima moral de tratar o outro como fim e não como meio foi o grande legado que Kant deixou para o mundo contemporâneo. Se todos nós, maçons, aplicássemos os princípios da Ética em Kant, certamente teríamos um mundo melhor.

O respeito à dignidade da pessoa humana é o grande princípio basilar que nós, maçons, devemos cultivar pela racionalidade, aprimorando nosso senso moral e ético, eliminando os vícios que deformam nossa humanidade.

Que nosso agir, nossa conduta, seja tal que possa ser considerada uma lei universal e, assim, teremos condições favoráveis para a construção de uma sociedade justa e perfeita para a glória e honra do Grande Arquiteto do Universo. ◆

Bibliografia

- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 11ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- NAGEL, Thomas. *Uma breve introdução à Filosofia*. Tradução de Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução de Artur Morão. 9ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014.
- KENNY, Anthony. *Uma nova História da Filosofia Ocidental (vol. 3) – O despertar da Filosofia Moderna*. 2ª ed. Tradução de Carlos Alberto Bárbaro. Revisão de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- REALE, Giovanni, ANTISERI, Dário. *História da Filosofia (vol. 4) – de Spinoza a Kant. Coleção História da Filosofia*. Tradução de Ivo Storniolo. 1ª ed. [2004]. 4ª reimpressão [2014]. São Paulo: Paulus, 2014.

A MARCHA DO APRENDIZ

Irmãos Fernando Ricardo Dias do Amaral e Edson Nakamatu
Loja Cinquentenário, 192 – Oriente de Santo André



Somos Aprendizizes maçons. Temos apenas 3 anos de idade, não sabemos ler, nem escrever, apenas soletrar. Coincidentemente, três anos correspondem exatamente ao período de tempo em que ingressamos na Ordem Maçônica. E se formos ainda mais precisos, estamos há exatos três anos e três meses nessa condição.

Assim como já fora relatado por nós em trabalhos anteriores, o número 3 simboliza de forma estrutural e orgânica a ritualística, os ensinamentos e tudo o que se passa durante a execução de nossos trabalhos em loja de maneira justa e perfeita.

A nossa posição corporal à Ordem, sob o formato de esquadro, os sinais de identificação durante o aperto de mão, as três colunas que sustentam toda loja maçônica (Sabedoria, Força e Beleza), além de nossos instrumentos de trabalho (a régua de 24 polegadas, o maço e o cinzel).

Temos o número 3 correspondendo à clareza e à inteligência, segundo os antigos, sendo o número da forma, já que não existe corpo sem comprimento, largura e profundidade. O número do equilíbrio que quebra a dualidade e contradição exercida pelo número 2.

Entrando no tema do presente trabalho, seguindo a mesma dinâmica, a Marcha do Aprendiz está associada intrinsecamente com os três primeiros signos do Zodíaco (Áries, Touro e Gêmeos), sendo que cada um representa os três passos que compõem esse ritual. Passos esses que, apesar de representarem apenas o início de nossa longa caminhada pelos inúmeros degraus da Escada de Jacó rumo à Abóboda Celeste, são imprescindíveis para que

nós, na condição de Aprendiz, possamos ter a exata noção do real significado e de nosso papel de maçom não somente perante a Ordem, mas também junto à sociedade como um todo.

Vale destacar que as colunas zodiacais que sustentam a estrutura do Templo Maçônico, representativas dos 12 signos, simbolizam todo o caminho que o maçom irá percorrer, desde os seus primeiros passos de Iniciado até a sua chegada ao Grau de Mestre. Porém, nesta oportunidade, trataremos apenas desses três primeiros, escopo desta explanação.

A luta é o primeiro passo, simbolizada pelo carneiro, que por sua vez representa Áries, o primeiro signo, o início de um novo ciclo, o crescimento e a multiplicação da vegetação, a chegada do calor após um longo período de inverno. Seria assim como um renascimento por parte do maçom, recém-iniciado no posto de Aprendiz, que travará inúmeras batalhas e guerras em seu íntimo, a fim de se afastar cada vez mais da escuridão e das trevas que lhe foram impingidas pelo mundo profano. Não por acaso, Áries encontra-se sob a influência de Marte, o deus mitológico da guerra. A Era de Áries é caracterizada pela intensa atividade bélica, com muitas invasões e lutas entre os povos.

Cabe aqui traçarmos uma analogia e um paralelo com a Primeira Viagem no Ritual de Iniciação, quando, ainda na condição de profano, passamos a ter consciência de nossa incansável tarefa de iniciarmos a superação de nossos vícios e paixões e, ao mesmo tempo, combatermos a ignorância e o preconceito que nos cegam, rumo ao caminho da luz.



A perseverança é o segundo passo, que encontra em Touro, o signo sequencial, o seu correspondente simbólico, segundo o qual o Aprendiz irá desenvolver a sua atividade laborativa, com força, prudência e sem temor. Sem a necessária perseverança, o maçom retornará às trevas, pois facilmente sucumbirá diante dos pecados e tentações que o afastam do ideal a ser alcançado, isto é, a perfeição moral. Foi assim, na Era de Touro, que, transformada nos poderes da procriação e fecundação, já sob a regência de Vênus, a deusa da fertilidade e do amor, houve um grande progresso material e florescimento das grandes civilizações da Antiguidade.

E assim como ocorre durante a Segunda Viagem, o Aprendiz necessita ostentar a sua força para vencer as suas paixões, submeter as suas vontades e fazer novos progressos, estágio em que estará purificado pela água e, por consequência, apto a seguir adiante. Não é por acaso que Vênus é comumente associada às águas de um modo geral.

E, finalmente, chegamos ao terceiro passo, a fraternidade, representada pelo signo de Gêmeos, que simboliza a união, a solidariedade, a irmandade e a amizade que devem existir entre os maçons. Trata-se de um passo importantíssimo e significativo na evolução do Aprendiz, pois é chegado o momento em que estará consciente de seu compromisso de abandonar definitivamente as trevas que assolavam e ainda assolam a sua vida profana, juntando-se aos demais irmãos em uma cadeia de união e força, com toda a luz e calor humano necessários para o início do trabalho de desbastar a pedra bruta.

Gêmeos recebe influência direta de Mercúrio, planeta dotado de muita luz e calor, dada a sua maior proximidade ao Sol. Enten-

demus que a luz e o calor de Mercúrio podem se referir não apenas à união e a irmandade, mas inclusive às chamas do fogo sagrado pelas quais passa o profano no decorrer da Terceira Viagem, instante em que estará simbolicamente purificado e livre das nódoas do vício, bem como ao momento em que lhe é dada a luz, que coincide com a sua aceitação e admissão como membro ativo do Quadro da Augusta e Respeitável Loja.

E não podemos deixar de citar que tal disposição está ali para nos lembrar do ciclo solar, o qual se inicia em Áries (de 21/03 a 20/04), passando por Touro (de 21/04 a 20/05) e Gêmeos (21/05 a 20/06), período esse marcado pela Primavera no Hemisfério Norte, tempo do aflorar e crescimento, onde o Aprendiz se encontra, ao despertar e renascer da escuridão em que estava, ou das descobertas feitas pelas crianças. Movimento esse que marca também o sentido da movimentação em loja de forma horária, passando por todas as colunas zodiacais, marcando, assim, cada período das estações do ano e a evolução humana e suas fases, iniciada pela infância e terminando na velhice (Inverno), fim de um ciclo, retornando, assim, ao início e marcando um recomeço no qual se repete por infinitas vezes.

Podemos concluir, então, que essa marcha nos mostra a importância da retidão presente na postura corporal, e os três esquadros formados com os gestos e membros do corpo. Utilizamos dos três instrumentos (régua, maço e cinzel) através de muita luta, perseverança e fraternidade, podendo, assim, alcançarmos a Luz vinda do Oriente, a qual nos cega por não termos alcançado ainda tal entendimento, e, dessa forma, perpetuando por ciclos os pilares da Sabedoria, Força e Beleza da loja. ♦



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM

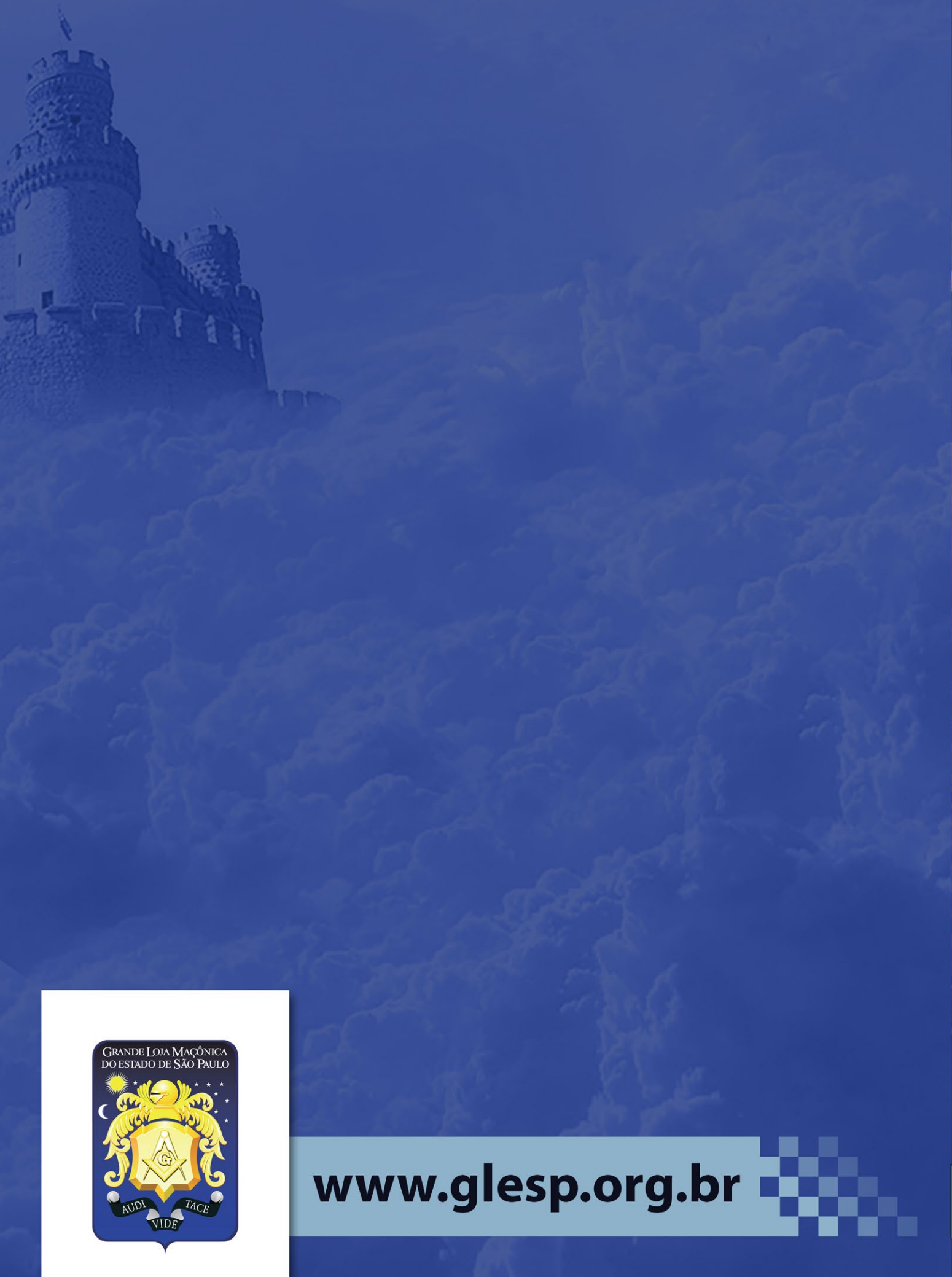


R\$ 106,15

Revista em
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br

